



REFLEXÃO SOBRE O PROFESSOR “IDEAL” DE MATEMÁTICA

Simone Moura Queiroz

Universidade Federal de Pernambuco – CAA, simonemq35@gmail.com

Resumo: “Como seria o professor ideal de Matemática?” Esta foi uma pergunta lançada a um grupo de cinco licenciandos, após vivenciarem uma experiência de docência em Matemática, em que nesta buscaram entrelaçar as teorias estudadas e debatidas em sala de aula, suas concepções como alunos do ensino básico e superior de como o professor deve lecionar, seus conhecimentos técnicos matemáticos, com a realidade de sua turma. As respostas que nos foram dadas levaram-nos a refletir sobre de onde advém o entendimento do que seria um “professor ideal” de uma maneira genérica, já que estas destoaram, apesar de convergirem em alguns momentos. Para refletirmos trouxemos alguns dos filósofos da Diferença, como Foucault, Deleuze, Guatarri e Rolnik, observando as peculiaridades das respostas de nossos sujeitos, em vez da preocupação em encaixá-los em um padrão, pois segundo estes teóricos o sujeito vai se constituindo, na articulação de discursos e práticas (LAROSSA, 2011), apresentam-nos o não-universal, desmitificando esta ideia do uno, no caso de nossa pesquisa da não existência de um sujeito perfeito padrão que leciona Matemática. Neste apresentaremos alguns conceitos relacionados ao processo de subjetivação, agenciamento, o ato de afetar e o desejo, que fazem parte da teoria filosófica apresentada. Assim como o de sermos sujeitos múltiplos e dinâmicos. Como metodologia de pesquisa inspiramo-nos em algumas técnicas de si, descrita por Foucault (1994) provinda da filosofia estoica, em que se faz um exame de si e de sua consciência, antes de redigir uma carta. Foi pedido aos sujeitos desta pesquisa para escreverem livremente a respeito da docência e do que seria um professor ideal de Matemática, cabendo aos pesquisadores selecionar trechos que lhe afetaram. Neste artigo objetivamos uma reflexão a respeito da inexistência de um modelo de professor ideal, adentrando por conceitos relacionados, inspirado nas reflexões de futuros licenciandos em Matemática.

Palavras-chave: Educação Matemática, docência, técnicas de si, desejo, subjetivação.

Introdução

Quando mencionamos nesta pesquisa um sujeito ideal, não estamos pensando em algo único, universal, modelar, estático, pelo contrário, referimo-nos a algo provindo do desejo. Somos múltiplos, podemos mudar a cada estalar de dedo, não tem como saber o que seremos daqui a 5 minutos ou menos, pois a leitura de um texto, um acontecimento, um cheiro, uma fala, enfim uma diversidade de fatores pode alterar o que somos. Pois, o “somos” não é algo estático, é tão dinâmico que seria mais correto dizer no gerúndio “sendo”. E é o desejo que nos alimenta, impulsiona-nos a caminhar, a decidir se



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

aceitamos algum desafio ou desistimos dele. “O movimento do desejo – ao mesmo tempo é indissociavelmente energético (produção de intensidades) e semiótico (produção de sentidos) – surge dos agenciamentos que fazem os corpos, em sua qualidade de vibráteis: o desejo só funciona em agenciamento.” (ROLNIK, 2011, p. 37)

O desejo não é um sentimento, ele é afeto, distanciando-se do substantivo afeição, aproximando-se do verbo afetar. Desejamos aquilo que nos afeta, nos agencia.

O desejo nada tem a ver com uma determinação natural ou espontânea, só há desejo agenciando, agenciado, maquinado. A racionalidade, o rendimento de um agenciamento não existem sem as paixões que ele coloca em jogo, os desejos que o constituem, tanto quanto ele os constitui. (DELEUZE, GUATTARI, 2007, p. 78)

Para que ocorra o agenciamento é preciso que o sujeito tenha sido subjetivado por alguém, ou alguma ideia, ou algum sentimento. O processo de subjetivação pode ser categorizado em quatro aspectos, são eles:

Primeiro: quando o sujeito é subjetivado sem seu consentimento, sem que saiba que o está sendo. Segundo: quando o sujeito consente, por não conseguir lutar contra (dobrar a força). Terceiro: quando o sujeito consente com o processo de subjetivação. Quarto: quando nem consente e nem se deixa subjetivar. (QUEIROZ, 2016, pp. 5-6)

Algumas vezes o processo de subjetivação (FOUCAULT, 2010; DELEUZE, 2011) ocorre sem que o sujeito subjetivado perceba. Ele vira uma espécie de manada, seguindo as correntezas ditadas por outras pessoas, assumindo as ideias de outrem como sendo suas. Isto é comum ocorrer nas redes sociais, quando diante de uma situação o sujeito sem compreender o fato opta por aderir a um movimento de massa. Ou quando ouve pessoas dizerem: “Matemática é muito difícil, não é para você!”, aceita este estigma e o assume como verdadeiro, permitindo-se ser subjetivado. É o que infelizmente percebemos ocorrer hoje em sala de aula, pois ao assumir esta ideia da disciplina Matemática ser algo compreensivo para poucos, é preferível acomodar-se/consentir a dobrar a força desta linha de enunciação.

Todavia, existem casos como o ocorrido com Angelina, hoje professora, que lutou contra o processo de subjetivação advindo da relação com seu professor de Matemática:

“Você vai repetir, mas você não vai passar... Eu quero ver se você vai passar, porque você não sabe de nada!”. Angelina em vez de se deixar subjetivar pelas afirmações negativas dele, quanto à sua capacidade, decidiu desviar dessa linha de força, combatendo-a. E essa marcar



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

acompanha-a até hoje. ”*De vez em quando dá uma coisa assim: ‘Não, não sou capaz.’ Mas, quando eu me lembro disso... Eu não consegui?*” Pois, “enquanto estamos vivos, continuam se fazendo marcas em nosso corpo.” (ROLNIK, 1993, p. 2) e as novas marcas interagem com as antigas, construindo o que somos hoje. (QUEIROZ, 2013, p. 8, grifos da autora)

Ela pratica constantemente o quarto aspecto do processo de subjetivação, dobrando a força e ainda usando esta dobra como exemplo diante das dificuldades pelas quais vivencia.

Outro exemplo bem comum é quando familiares criam um modelo profissional para o sujeito e gradativamente vai inserindo-o neste, subjetivando-o, tornando muitas vezes difícil lutar contra o desejo dessas pessoas que lhe são tão importantes.

Enfim, desejo é algo que não pode ser moldado, ele não possui regras explícitas que podem ser aplicadas a todo processo de construção, o porquê de ter iniciado nem sempre é evidente, ele pode fundir-se com outros desejos, ou segrega-los, ou aniquilar vários existentes. Não segue um padrão. Não é algo linear, ele é multilinear. É rizomático.

Para alguns, o que se deseja aparenta ser algo tão certo, que se torna quase palpável, por mais distante que sua realização ainda esteja e com isso traçam metas, deixam-se aprisionar por seus planos. Todavia, sempre existe o imprevisível para tentar desordenar essas pessoas, tirá-la desse caminho tão linear. Elas até tentam retornar, entretanto o desvio pode marca-la de tal forma que “ela” deixa de ser a “ela” de sempre, passando ser uma “outra ela”, com outras necessidades, com outros sonhos, com outros desejos.

Ou seja, não tem como saber. Não tem como nos categorizar, como presos ou livres, pois não somos um, somos múltiplos, oscilamos entre os extremos “sim” e “não”, alguma vez somos ou um ou outro, noutras nem um, nem outro, ou até os dois ao mesmo tempo.

Esse é um dos encantos da vida: As possibilidades. As escolhas, que algumas vezes preferimos que façam por nós, temendo o arrependimento vindouro ou não. O medo. O medo de errar. O medo de ficar preso a esta escolha e não poder mais voltar atrás, para re-escolher, pois o momento é o agora.

É nessa rede de possibilidades, que assim como nós, os sujeitos dessa pesquisa se encontram. Em determinados momentos, eles afirmavam numa certeza impressionante o que queriam para si, para seu futuro, no momento seguinte não diziam mais com tanta convicção e ainda teve aqueles que noutra momento, após repensarem já haviam mudado de maneira espantosa o que desejavam para seu futuro.

Acompanhei essa evolução, observando-os e algumas percebendo o que ocasionara essa(s) mudança(s), levando-me a refletir sobre o meus planos para o futuro, principalmente



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

naqueles mais massificados, mais certos (comparados com os demais).

Metodologia e sujeitos de pesquisa

Neste artigo apresentamos uma das metodologias utilizadas, em nossa tese, para compor a cartografia dos sujeitos, que é a ideia da escrita de uma carta, incitada pelas ideias das “Técnicas de si” de Foucault.

Nessa cultura do cuidado de si a escrita é, ela também, importante. Dentre as tarefas que definem o cuidado de si, há aquelas de tomar notas sobre si mesmo – que poderão ser relidas -, de escrever tratados e cartas aos amigos, para os ajudar, de conservar os seus cadernos a fim de reativar para si mesmos as verdades da qual precisaram. As cartas de Sócrates são um exemplo desse exercício de si. (FOUCAULT, 1994, p. 12)

Buscando uma maneira, em que os sujeitos ficassem mais a vontade para exporem suas ideias sobre o que para eles seria um professor de Matemática ideal. Optamos por mais esse recurso, por eles terem passado pela experiência de lecionarem, ou seja, vivenciado a prática de sala de aula, agora como quem leciona, não apenas como quem aprende. Isso os levou a refletir, sobre como deveria ser o professor, ficando subentendido, o desejo deles de alcançar esse perfil descrito. Com isso, de uma maneira simples, nos inspiramos nas três técnicas de si, descrita por Foucault (1994) provinda da filosofia estoica, que são: “as cartas aos amigos e o que elas revelam de si; o exame de si mesmo e de sua consciência, que compreende a avaliação daquilo que foi feito, daquilo que deveria ter sido feito, e a comparação dos dois.” (FOUCAULT, 1994, p. 19).

O objetivo desta era fazer com que eles avaliassem todo o processo vivenciado no projeto de extensão (os planos de aula elaborados, as mudanças ocorridas durante a prática, as aulas de seus outros colegas, a reação dos alunos), que vivenciaram por 10 meses, assim como as literaturas lidas durante o curso, levando-os a uma análise geral, a um exame de consciência, buscando de acordo com Platão, citado por Foucault (1994), buscando com isso “descobrir a verdade que se esconde [neles]” (p.19)

Esses processos de subjetivação/desasubjetivação, em que se está atrelado, são marcados por ininterruptos processos de construção e desconstrução de territórios existenciais, em que o sujeito encontra-se inserido neste fluxo de intensidade contínua entre a realidade social, que ele habita física e metafisicamente.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

E a sua força motriz (o que o alimenta), é o desejo, que se trata de “um processo de produção de universos psicossociais” (ROLNIK, 2011, p. 31).

Seguindo a afirmação de Rolnik (2011) em que “a análise do desejo, aqui, é o exercício de aproximação do finito ilimitado” (p. 75), tentaremos nos aproximar dos sujeitos de nossa pesquisa, através do desejo por eles exposto através das cartas escritas. Sendo “o movimento do desejo – ao mesmo tempo é indissociavelmente energético (produção de intensidades) e semiótico (produção de sentidos) – surge dos agenciamentos que fazem os corpos, em sua qualidade de vibráteis: o desejo só funciona em agenciamento.” (ROLNIK, 2011, p. 37).

Nossos sujeitos da pesquisa são cinco licenciandos que participaram de um projeto de extensão, em que foram inseridos na docência, participando durante 10 meses, desde a elaboração e discussão de plano de aula, metodologias de ensino, etc, até a avaliação e reflexão das aulas por eles ministradas.

Para alguns foi a primeira experiência efetiva de sala de aula. Para todos foi a primeira vez que ensinaram Matemática numa turma do último ano do Ensino Fundamental. Ao término desta experiência como docente, em que também viam seus colegas lecionar, pedimos que cada um deles redigisse uma carta, no cabeçalho tinha o seguinte: “Escreva uma carta, contando o que, para você, é ser professor e como seria o professor ideal de Matemática”.

Conversando sobre alguns dados obtidos

A seguir iremos apresentar alguns trechos das cartas redigidas pelos sujeitos de nossa pesquisa, que nos capturaram. Preocupamo-nos em deixar entre aspas os trechos extraídos diretamente das cartas.

Carta nº 1: Para este sujeito o importante é cativar o aluno, dentro da sala, além de conquistar o respeito e admiração deles também fora dela. Um professor de Matemática tem que ser inovador, não ficar tão preso ao livro didático, buscando meios que facilitem o aprendizado, não assumindo uma postura de superioridade, para que possa também aprender com eles. “Por fim acredito que para despertar nos alunos algo prazeroso, primeiro, o próprio professor deve lembrar-se dos motivos que o fizeram escolher essa profissão, e sempre estar se renovando, acreditando que podemos sim ser mais e mudar.”



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Carta nº 2: É interessante trazer para o ambiente de sala de aula suas experiências de vida, fazendo paralelos com a realidade dos alunos, nunca sendo grosseiro com eles. Buscar ser criativo e atento às tecnologias, trazendo-as para a sala de aula, fazendo aulas dinâmicas, pois isto acarretará em uma aprendizagem significativa. “Ser professor de Matemática é muito mais do que ser um simples professor; para que ele seja realmente um profissional qualificado, não deverá apenas ter uma graduação ou currículo bacana, mas sim gostar do que faz. Pois, só assim ele será um brilhante professor e também formará brilhantes alunos.”

Carta nº 3: Este sujeito aponta o sistema educativo/escolar como algo que em vez de ajudar, dificulta o trabalho de alguns professores ao determinar “o que o professor deve ensinar e como deve ensinar”, prendendo-o. Bloqueando possíveis mudanças, “o professor sente-se sozinho num ambiente repleto de adversidades e sem apoio para tentar, pelo menos promover algumas mudanças que muitas vezes são simples, mas fazem uma enorme diferença.” Outras dificuldades advêm da ausência familiar na educação dos alunos e da desvalorização monetária do professor. Em relação ao professor ideal de Matemática, afirma que este precisa dominar o conteúdo, além de buscar metodologias de ensino diversas, tentando aproximar mais a Matemática dos alunos, ao ponto de conseguirem aplica-la em seu cotidiano. Esteja preocupado com a aprendizagem deles, avaliando-os pelo todo, não apenas por um resultado pontual. “Isso sim é gratificante! E não tem preço! Além disso, ser professor também permite estar sempre estudando, revendo e aperfeiçoando conhecimentos adquiridos [...]”.

Carta nº 4: Apresenta como indispensável incentivar os alunos, inserindo em sala de aula novas metodologias de ensino, tendo a convicção de que cada aluno tem sua especificidade, respeitando o ritmo de aprendizagem adverso. “Um professor ideal tem que conseguir mostrar ao aluno o elo existente entre a Matemática e o cotidiano, fazendo com que o aluno esteja envolvido no problema, assim buscando os melhores algoritmos para resolvê-los”. Assim como apresentar as diversas Matemáticas.

Carta nº 5: “Essa profissão é a mais linda de todas, digo com clareza que escolhi ser professor, pois gosto e é o que quero para a minha vida”, apesar dos percalços enfrentados. Mesmo percebendo que muitos professores precisam agir como se fossem os pais ou terapeuta dos alunos, discorda dessa postura e se indigna com isso. Deve-se fugir também das aulas tradicionais, que resume, ao esquema de cópia livro-lousa-caderno, exemplos apresentados e muitos exercícios para fixa-los. Sente dificuldade em romper com essa metodologia, optando por aulas mais diversificadas e inovadoras. Porém, é consciente da dificuldade demandada por elas: “Isso não é fácil, é muito bom dá uma aula



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

dinâmica, quero ver é você dar 240 aulas dinâmicas.” Ao se referir ao professor ideal de Matemática, monta o perfil de acordo com seus professores do Ensino Superior, menciona que este deve ter “o domínio do conteúdo, saber explicar e fazer com que o aluno aprenda, porque não adianta ser doutor em Matemática se os alunos não aprendem nada com ele, e por fim saber avaliar e cobrar o que ensina.”

Apesar de estes sujeitos passarem por experiências diversificadas, relacionadas à sala de aula, em que alguns já tiveram experiências na docência antes do projeto de extensão, pelo qual todos vivenciaram um pouco o ministrar aulas de Matemática, mesmo para um grupo menor de alunos interessados em aprender, eles possuem algumas opiniões convergentes, outras genuinamente diferenciadas.

Professor ideal para eles não basta apenas dominar o conteúdo, ele em resumo, está atento ao que ocorre à sua volta, tanto a nível global (as tecnologias), quanto a nível local (a comunidade em que se encontram), assim como ao sujeito da aprendizagem: o aluno. Sendo este último o foco de sua profissão, recorrendo a metodologias mais apropriadas para facilitar a aprendizagem deles, respeitando o tempo de cada um em aprender. Devido a isto é necessário que o professor de Matemática ideal, esteja sempre se atualizando e por mais difícil que seja, devido às amarras que o sistema educativo lhe impõe, procurar ministrar aulas dinâmicas e contextualizadas, apresentando a Matemática ao aluno, adaptando-a a linguagem do aluno, em vez do aluno à Matemática, tendo este que se virar diante desse universo de leis, regras, pressupostos e símbolos desconhecidos, com uma linguagem própria e em nada semelhante à sua.

Considerações Finais

“Como seria o professor ideal de Matemática?” pergunta esta que instigou nossa pesquisa com licenciandos, que estão em seu processo de devir professor de Matemática, o qual vai construindo uma imagem do docente a partir de suas experiências lecionando, observando outros lecionar, assim como estudando a respeito, lendo, discutindo, enfim as variáveis são diversas nesta complexa equação que constitui a docência.

Podemos dizer que o desejo perpassa por todas essas variáveis. O desejo de ser tão bom ou até melhor que os professores exemplares, assim como o de divergirem ao máximo daqueles que lhe são contraexemplo. Em meio a isto, depara-se com realidades distintas, em



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

que não pode muitas vezes reproduzir o ideal de professor tão almejado, tendo que recriar este modelo e noutros momentos deparando-se com atitudes oposta a esse ideal.

Algumas ideologias relacionadas ao modelo de um “bom” professor de Matemática são dizimadas perante a realidade docente. Esta realidade muda o perfil construído pelo sujeito a ser seguido, levando-o a recriá-lo, adaptá-lo, fazendo surgir um professor novo no lugar daquele que antes era o ideal ou desiste de tentar. Diante disso, deparamo-nos com a infundável batalha entre frustração e desejo, em que a frustração pode bloquear o desejo, fazendo o sujeito desistir do anteriormente almejado, assim como o desejo pode retroalimentar-se, conduzindo o sujeito a superar a frustração, é uma espécie de reforço que o leva a lutar com mais tenacidade.

Referências Bibliográficas

- DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2011.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. 2 ed. São Paulo: 34, 2007.
- FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, M. As técnicas de si. In: FOUCAULT, M. **Dits et Écrits**. Trad. Wanderson Flor do Nascimento e Karla Neves. Vol. IV, pp. 783-813. Paris: Gallimard, 1994, por Disponível na web: <<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/techniques.html>> Acesso: 05/11/2013
- LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- QUEIROZ, S. M. Uma breve análise cartográfica de professores do ensino básico, 2013, Curitiba. **Anais...** Curitiba: SBEM, 2013.
- ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: UFGRS, 2011.
- ROLNIK, S. Pensamento, corpo e devir : uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. In : **Cadernos de Subjetividade** nº 2. São Paulo: PUC,1993.